

# O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

**Condições da assignatura**—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 15200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 15000 reis. Numero avulso, 100 reis.

**Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca**—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.

**SUMMARIO:**—*Pastoral de S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Sr. Bispo do Porto*—*A NOSSA GALERIA: Luiz Pasteur*—*MARAVILHAS DO CATHOLICISMO: S. Vicente de Paulo e o seu tempo*—*VARIA: Anedoctas de Pio X*—

**AS NOSSAS GRAVURAS**—*MUSA HUMORISTICA:—No deserto—DE TUDO UMPOUCO—RETROSPECTO DA QUINZENA—BIBLIOGRAPHIA—NECROLOGIA.* GRAVURAS:—*Rubens* (celebre pintor da escola flamenga); *Cathedral de Burgos; Pasteur.*



RUBENS

(CELEBRE PINTOR DA ESCOLA FLAMENGA)

PASTORAL DO EX.<sup>mo</sup> E REV.<sup>mo</sup> BISPO DO PORTO

D. ANTONIO José de Souza Barroso, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica Bispo do Porto Prelado Assistente ao Solio Pontificio, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Par do Reino, Grã-Cruz da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Vigosa, etc.

Ao Rev.<sup>mo</sup> Cabido, Rev. Clero e mais feis da Nossa Diocese, Saude,

Paz e Benção em Jesus Christo, Nosso Senhor e Salvador

N'um dos livros do Antigo Testamento <sup>(1)</sup> está escripto:

«Se acontecer que penda deante de ti algum negocio difficil e escabroso e vires que dentro das tuas portas são varios os pareceres dos juizes, levanta-te e sóbe ao logar, que o Senhor teu Deus tiver escolhido. E encaminhar-te has aos sacerdotes da linhagem de Levi e ao juiz, que n'esse tempo fôr, e consulta los-has e elles te descobrirão a verdade do juizo. E farás tudo o que te disserem os que presidem no logar que o Senhor tiver escolhido e tudo o que elles te ensinarem segundo a lei do Senhor, e seguirás seus pareceres, sem declinares nem para direita nem para a esquerda. Aquelle, porém, que inchado de soberba não quizer obedecer ao mandado do sacerdote, que n'esse tempo fôr o Ministro do Senhor teu Deus, e ao decreto do juiz, esse homem morrerá e tu tirarás o mal do meio d'Israel.»

N'estas palavras do Antigo Testamento está, caros diocesanos, figurada a Igreja Catholica creada por Jesus Christo.

N'esta, quando tambem surgem contendias e são varios os pareceres sobre o modo de as resolver, deve o fiel catholico levantar-se e encaminhar se até ao logar santo onde se encontra o Summo Pontifice, representante visivel de Jesus Christo sobre a terra.

E ouvido o seu parecer, ou, dada a sua sentença, deve esta ser abraçada e seguida sem declinar nem para a direita, nem para a esquerda, porque, do contrario, todo o que não quizer obedecer ao mandado e ao decreto do Summo Sacerdote, esse separa-se da unidade da Igreja e perecerá.

E o que nos diz a historia desde os primeiros seculos da Igreja até hoje?

Diz-nos que o representante visivel de Jesus Christo, o juiz supremo de todas as contendias, o sacerdote com o primado não só de honra como tambem de jurisdicção sobre toda a Igreja foi, é e ha de ser o Pontifice Romano, o Successor de S. Pedro.

Vejamos: Quando foi preciso escolher um varão para substituir o traidor Judas, é S. Pedro que falla aos seus irmãos do Collegio Apostolico <sup>(2)</sup>; quando Herodes mandou encarcerar a S. Pedro e guardal-o por quatro soldados, toda a Igreja sem cessar crava a Deus por elle <sup>(3)</sup> porque o considerava como cabeça visivel e principe dos Apostolos.

Depois da descida do Espirito Santo é o primeiro que falla ao povo <sup>(4)</sup>, e em nome dos outros Apostolos responde ao Sanhedrin de Jerusalem <sup>(5)</sup>.

Mais tarde, toda a tradicção reconhece o Primado do bispo de Roma e assim é que S. Ignacio d'Antiochia diz que a Igreja de Roma preside a toda a christandade.

S. Cypriano affirma que a Igreja está fundada sobre Pedro, por causa da unidade; Pedro é o fôco, o centro da Igreja Romana e por conseguinte, a Sé episcopal de Roma é a Sé de Pedro, a Igreja de Roma a primeira de todas as

Egrejas. Ao bispo de Roma devem estar ligados e unidos todos os bispos do mundo.

Os recursos levados a Roma, as consultas e perguntas sobre a disciplina ecclesiastica, os legados mandados para toda a Igreja, e finalmente a crença de que a opinião de Roma é a opinião de toda a Igreja e que deve ser recebida e executada em toda a parte e que, quando Roma falla importa que o erro se calle e desapareça, tudo isto prova a supremacia do Successor de S. Pedro.

E no anno corrente estamos todos assistindo a uma prova das affirmações feitas.

Leão XIII, de saudosa memoria, e Pio X resolvem comemorar a definição dogmatica da Immaculada Conceição de Maria Santissima, e, á sua voz, obedece o orbe catholico.

Por toda a parte se promovem grandiosas manifestações de fé e de amor para com a augusta Rainha do céu e da terra.

Organizam-se peregrinações, reúnem-se congressos, formam-se bibliothecas marianas, redigam-se memorias, promovem-se missões, dão-se exercicios espirituaes, e criam-se obras e beneficencias. Finalmente as diferentes ordens, associações e confrarias e n'uma palavra todos os filhos de Maria procuram honrar esta Mãe Immaculada com especiaes affectos e com entranhado amor.

E não contente com isto, o Vigario de Jesus Christo na terra resolve abrir os thesouros da Igreja para que os fiéis da christandade possam receber maior abundancia de graças, n'este anno jubilar.

«Para que os dons celestes sejam agora mais abundantes e d'elles nos ajudemos para juntarmos a imitação da Santissima Virgem com a solemnidade tambem maior dos cultos que por todo este anno lhe havemos de tributar e conseguirmos assim mais facilmente o nosso intento de restaurarmos tudo em Christo; seguindo o exemplo que nos deram os nossos antecessores ao encetarem o seu Pontificado, resolvemos conceder a todo o orbe catholico uma indulgencia extraordinaria em forma de jubileu», taes são as palavras com que Pio X, na encyclica de 2 de janeiro de 1904, annuncia este anno de graça e de salvação.

Em conformidade com as facultades concedidas na citada encyclica, Havemos por bem determinar o seguinte:

I — Para os nossos diocesanos poderem lucrar o dito jubileu assignamos o prazo de tres menses, que serão contados desde o dia 8 do proximo setembro até ao dia 8 de dezembro inclusivé.

II — Os que andam embarcados ou viajam por terra podem lucrar a mesma indulgencia ou jubileu, logo que regressarem aos seus domicilios, cumprindo as obras prescriptas.

III — Este jubileu ou indulgencia pôde ser applicada por modo de suffragio ás almas do purgatorio e não suspende outras graças e indulgencias, mesmo plenarias, concedidas pelos Pontifices romanos.

IV — Para se lucrar o jubileu é preciso satisfizer ás condições seguintes:

1.º Jejuar uma vez em qualquer dia comprehendido nos tres menses, servindo-se tão sómente de alimentos magros.

2.º Visitar a igreja Cathedral pelos que ficam proximos, ou a parochial, por tres veses e n'um ou varios dias, consecutivos ou não consecutivos. Estas visitas podem ser feitas particularmente ou em commum, mas sempre com o fim de lucrar o jubileu, orando, por algum tempo e devotamente, pela exaltação da Igreja Catholica e da Sé Apostolica, pela extirpação das heresias e conversão de todos os peccadores, pela concordia dos principes christãos, pela paz e unidade de todo o povo fiel e segundo as intenções do Summo Pontifice.

3.º Confessar-se com o fim expresso de lucrar o jubileu.

<sup>1</sup> Deuter. XVII, 8 e seg.

<sup>2</sup> Act. I, 16-26.

<sup>3</sup> Act. XII, 4-5.

<sup>4</sup> Act. II, 14.

<sup>5</sup> Act. IV, 8.

4.º Commungar em estado de graça e em qualquer igreja ou capella.

D'esta obra são dispensadas as creanças que ainda não fizeram a sua primeira Communhão.

As visitas e o jejum podem ser commutadas segundo as circumstancias e impossibilidade dos fieis. As pessoas, que vivem em collegios ou comunidades, podem fazer as visitas á igreja ou capella proprias; ás que não podem fazer o jejum, póde este ser commutado por algumas preces.

V—Tócos e cada um dos fieis quer leigos, quer ecclesiasticos, tanto seculares como regulares, podem escolher, para effeito da confissão jubilar, qualquer sacerdote regular ou secular approvedo.

VI — Estes sacerdotes approvedos e escolhidos pelos fieis podem absolve-los, por uma vez e só no fôro de consciencia de todas as censuras e peccados, ainda mesmo dos reservados *speciali modo*, exceptuando a falsa denuncia de sollicitação e a excommunhão em que incorrem os sacerdotes *absolventes culplicem in peccato turpi*. Em todos os casos é preciso impôr uma penitencia salutar e cumprir as demais obrigações que o direito ordena.

VII—Podem os mesmos confessores dispensar de qualquer irregularidade occulta contrahida unicamente por violação de censuras e que impeça o exercicio das ordens ou de receber ordens ulteriores.

VIII — Finalmente podem os supraditos confessores commutar todos os votos, ainda emittidos sob juramento, exceptuando sómente os de castidade, religião ou os que importem obrigação acceita por um terceiro.

Pela nossa parte e para que os Revs. parochos encontrem mais facilmente cooperadores durante o tempo do jubileu, concedemos que os Revs. presbyteros com approvação pelo menos de seis mezes possam confessar pessoas d'ambos os sexos.

Publicado o jubileu com a respectiva carta encyclica, resta-Nos sómente agradecer ao Rev. Clero e aos fieis da diocese do Porto as quotas com que contribuíram para a collecta do dinheiro de S. Pedro que enviamos ao Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Nuncio Apostolico de Sua Santidade, na importancia de 1:651\$825 reis.

Se esta quantia não é tão avultada como era desejo Nosso, todavia resta-Nos a consolação de que esta collecta foi feita simultaneamente com a promovida pela Ex.<sup>ma</sup> Commissão das festas em honra da Immaculada Conceição, n'um anno de grandes despesas com os cultos especiaes a Maria e n'um anno em que infelizmente se espera uma carestia de pão. Esperamos, porém, que no proximo anno augmentará a collecta para o dinheiro de S. Pedro para d'este modo occorrer ainda que diminutamente para as despesas da Sé Apostolica e confiamos que muitas outras freguezias, além das actuaes, hão de contribuir com o seu obulo, já que, forçoso é dizer-se, perdemos a esperança de vermos todas representadas nas contas.

Havemos por bem determinar o seguinte:

1.º Que em todas as freguezias do nosso bispado se constituam as commissões encarregadas do Dinheiro de S. Pedro, conforme as instrucções dadas.

2.º Declaramos aberta a nova collecta para o Dinheiro de S. Pedro que os Revs. parochos deverão entregar até ao fim do proximo mêz de março.

Esta nossa pastoral será remettida aos Revs. Parochos para a sua leitura na fórmula do estylo e darem conhecimento aos seus parochianos da verba por elles offerecida.

Dada no Porto e Paço Episcopal, sob signal e sello das Nossas Armas, aos 31 de agosto de 1904.

† ANTONIO BISPO DO PORTO.

Antonio Ferreira Pinto.  
Secretario



A NOSSA GALERIA

## Luiz Pasteur

E' com a penna tremula de emoção e enthusiasmo que vamos seguidamente escrever em pallidos traços duas palavras sobre a maior gloria scientifica dos tempos modernos, o grande benemerito e crente sincero, aquelle cujo nome bemdito atravessará glorioso as edades futuras envolto em um nimbo de luz: Luiz Pasteur.

Effectivamente, o seu lemma pessoal: «Ser util á humanidade», tornam-no credor das benções dos povos, com jus a oloroso incenso queimado incessantemente nas aras da humanidade agradecida.

Foi elle, pois, quem nos ensinou como para o futuro se devia viver, quem traçou as leis do vestuario, da habitação, da alimentação. Fez com isso progredir a hygiene, a medicina e a cirurgia. Deu regras á agricultura, á pastoreação dos gados e á creação dos bichos da seda.

As suas memoraveis descobertas revolucionaram por completo a medicina, e salvaram milhares de vidas.

Pasteur nasceu, em Drôle (Jura) a 27 de dezembro de 1822. Era de familia muito humilde: o seu pae era cortador de pelles e tinha servido em Hespanha e feito a campanha de França como soldado de Napoleão. No fim dos seus serviços casara-se com uma patricia d'uma condição tão humilde como a sua.

Pasteur tinha muito orgulho n'esta sua hereditariedade de trabalhadores que lhe haviam deixado a maior das heranças: o amor ao trabalho.

Começou os seus estudos na escola normal de Arbois, e, quando os concluiu, ficou adjuncto ao seu laboratorio na qualidade de preparador. Foi ahi onde germinou essa ideia primacial que havia de deitar por terra a theoria da geração expontanea, abrindo com isso amplissimos horizontes á medicina e sciencias accessorias.

Começando por estudar as fermentações, viu que os corpos microscopicos que as povôam não são particulas de materia inerte, inanimada, mas seres vivos, nascendo d'um outro ser semelhante a elles. Confirmava-se o principio: *Omne vivum ex vivo*.

Os sabios, tendo á sua frente Pouchet, respondiam: São os liquidos fermentados que geram esses corpusculos vivos. Não, declara Pasteur, os fermentos não nascem expontaneamente; o que é vivo não póde nascer do que é inerte; os fermentos provêm de germens que o ar tem em suspensão com toda a sorte de poeiras.

E' este, pois, o famoso e encarniçado debate sobre a geração expontanea no qual Pasteur se viu obrigado a disputar o terreno palmo a palmo, pois tinha n'elle por adver-

sarios a maior parte dos membros da Academia das sciencias, que admittia as theorias de Pouchet.

Para comprovar as suas asserções, Pasteur viu-se obrigado a fazer a ascensão dos Alpes, e em Chamounix recolheu o ar, cuja pureza nenhuma poeira turva, por cima das geleiras eternas, em balões de vidro, tendo um liquido qualquer. Passados annos, o liquido permanecia intacto; conclusão: ausencia de poeiras no ar, ausencia de fermentações.

O estudo d'estas levou-o á analyse dos pequenos organismos, que foi sempre a sua principal preocupação scientifica. D'ahi passava ás doenças contagiosas e hygiene em geral. Pelas regras da antiseptia, a cirurgia fez os mais elevados progressos, inspirada nos seus principios.

A primeira consequencia das suas descobertas foi a cura da doença dos bichos da seda. Depois, seguiu-se a antiseptia nas operações. Para as feridas expostas deixava de fazer mais sentir se os efeitos do ar impuro e instrumentos cirurgicos contaminados, origem de toda a complicação e perigo. Em seguida descobre a inoculação do carbunculo. Pela attenuação methodica dos proprios virus morbidos ou pelos seus productos de secreção, Pasteur obtém series de vacinas para tornar immunes os animaes. Para a industria e commercio foi tambem de grande alcance a não perturbação dos vinhos e cervejas que os estudos do sabio preveniram.

Por ultimo atrahia as attentões de Pasteur um dos mais terriveis flagellos da humanidade:—a raiva. E' curiosa esta phase da vida do grande mestre. Começou elle os seus estudos sobre o assumpto por tornar refractarios á raiva os animaes damnados; mas, tratando com pleno exito os animaes, sentia uma tortura cruel por não poder tambem applicar ao homem os mesmos processos do seu tratamento prophylatico. «Parece-me, dizia elle, que a minha mão me tremerá quando tiver de passar á raça humana». Era uma lucta cruel entre os seus esorupulos de consciencia e a sua convicção scientifica.

Pouco depois teve ensejo de dar fim ao seu martyrio intimo. Um dia bateu á sua porta uma mulher, trazendo nos braços um filhinho fortemente mordido por um cão damnado. As lagrimas da mãe venceram os seus escrupulos, e a creança, sendo inoculada, foi salva.

Estava confirmada a sua descoberta.

D'ahi por deante accorriam ao seu laboratorio todos os infelizes, que em virtude d'este accidente ficariam irremediavelmente perdidos.

A grande obra de Pasteur espalhou se rapidamente por todo o mundo, creando para o seu auctor um nome immortal. Foi, pois, a maior gloria scientifica do seculo XIX.

Como prova sublime da creença profundissima de Pasteur são memoraveis as palavras que pronunciara na Academia franceza, no elogio de Littré. Eis como se expressara:

«Que é que existe para além d'este mundo? O espirito humano, levado por uma força irresistivel, não cessará jámais de interrogar:—Que ha para além d'este mundo? Como poderá elle apoiar se no tempo ou no espaço? Como o ponto de apoio em que elle se baseia é sempre uma grandeza finita, occorrer-lhe-ha sempre uma implacavel pergunta, sem que possa fazer callar o grito da sua curiosidade.

«De nada vale responder: fóra d'este mundo existem os espaços, os tempos, as grandezas illimitadas. Ninguem comprehende estas palavras. Aquelle que proclama a existencia do infinito—e ninguem pôde escapar a isso—accumula n'esta affirmacção mais sobrenatural do que ha em todos os milagres de todas as religiões, porque a noção do infinito tem o duplo character de se impôr e ser incomprehensivel.

«Vejo por toda a parte a noção do infinito. E' por ella que o sobrenatural está no fundo dos corações. A ideia de Deus é uma fórmula da ideia do infinito. Enquanto que o mysterio do infinito pesa sobre o pensamento humano, serão levantados templos ao culto do infinito, quer Deus se chame Brahma, Allah, Jehovah ou Jesus. E sobre o tablado d'estes templos vereis homens ajoelhados, prostrados, abismados perante o pensamento do infinito.»

Eis ainda outra bella passagem do discurso de Pasteur, que por muitas vezes citada não perde o valor:

«Feliz aquelle que traz consigo um Deus, um ideal de belleza e que lhe obedece, ideal da arte, de sciencia, ideal da patria, ideal das virtudes do Evangelho. Estão ahí as fontes vivas dos grandes pensamentos e das grandes acções. Illuminam-se com os reflexos do infinito!»

A França celebrou o seu jubileu em 1893 com festas e solemnidades grandiosas, ás quaes se associaram todos os sabios e estabelecimentos scientificos do mundo.

Ha pouco ainda, a 16 de julho passado, como noticias no nosso Retrospecto, a cidade de Paris erigia-lhe um monumento, por subscrição internacional. Este monumento damos em gravura. Pasteur morreu coberto com as bençãos da humanidade inteira, em outubro de 1895, na sua casa de Villeneuve l'Etang.

Honra, pois, ao glorioso sabio e profundo crente.



MARAVILHAS DO CATHOLICISMO

## S. Vicente de Paulo e o seu tempo

### I

A miseria é de todos os tempos. Mas no inverno, pela tristeza dos dias sem sol e pelo longo lucto das noites geladas, quando a natureza se despe, o ceu se retrahê, e, d'alguma sorte, se fecha, parece que o seu espectro se ergue mais sinistro e ameaçador. E, ao passo que lá fóra, a chuva, o vento, a neve, todos os elementos hostis se desencadeiam com raiva, o coração de subito se confrange por tantos males cahidos sobre os pobres proletarios, e parece escutarmos dentro em nós o echo dos soffrimentos dos outros.

Este sentimento de larga e piedosa solidariedade, que nos obriga a commungar em pensamento com a desgraça dos miseraveis, faz parte da nossa consciencia moderna. Não ha muito tempo ainda, que se um tal sentimento podia bem ser o privilegio d'algumas almas de eleição, não se achava comtudo commummente espalhado na sociedade.

Ha tresentos annos apenas, em França, certos espectaculos não despertavam a piedade que com certeza não deixariam hoje de inspirar aos mais insensíveis.

Por muito tempo, a França só lobrigava do seculo XVII as suas glorias brilhantes. Deslumbrou a, por assim dizer, os esplendores que irradiavam do sel que havia tomado para emblema. Mas, ao penetrar mais além, pôde ver-se o reverso do astro, e descobriram-se innumeradas misérias que nem sequer se suspeitavam. Seria absurdo imputar-lhe isso como um crime, como seria tambem um grave erro historico julgar as cousas de então com as nossas ideias de hoje. Outros tempos, outros corações. Não resta duvida quo com a nossa admiração pelo seculo XVII vai d'envolta a nossa compaixão pelos males que um extraordinario concurso de flagellos então multiplicou. Ao lado d'estas grandezas houve rudes escravidões e negras misérias. Traçar-lhes o quadro é apresentar um resumo de todo o martyrologio humano. Julga-se percorrer os cyclos mais dolorosos do *Inferno* do Dante. O seculo precedente tinha deixado após si uma pesada e sombria herança. Por toda a parte só ruínas fumegantes, mares de sangue putrido, uma tragica atmosfera de pesadello.

Callot nas suas terriveis visões dos «*Supplices*», da «*Guerre*», e dos «*Bohemes*» não foi mais que o fiel interprete d'uma atroz realidade. Estes espectros e estas larvas são figuras authenticas: teve-os elle por contemporaneos. Este horror, este espanto, conheceu-os bem a França do seu tempo.

Com grande custo tentava então repousar, quando novas fatalidades abateram sobre ella.

Ao despertar após a guerra intestina, estava a braços com a invasão estrangeira. Nem sequer tem o intervallo d'uma noite de repouso entre o crepusculo ensanguentado do seculo que acaba de findar e a aurora tempestuosa do seculo que nasce. O derradeiro partidario das luctas mal acabava de largar os arreios do seu cavallo, eis que logo avança o veterano imperial. Este passo, requisitando cavallos e bois, installando-se como senhor nos lares reconstruidos na vespera, aterrando os lavradores, e incendiando as aldeias. Atraz d'elle, a terra, que se povoava de novo, volta a ser deserto, a vida, que começava a renascer, torna a cabir no aniquilamento. Só a provincia de Lorena, em 1635, teve que sustentar seis exercitos, isto é, cerca de 400.000 homens, e, naturalmente, alimentou-os á sua custa, morrendo ella de fome.

Este flagello era uma consequencia obrigada pela demora das tropas. As assolações, que estas exerceram n'estes tempos malditos, fôram taes que a imaginação quasi se recusa a concebê-las. Na Marcha viram-se camponezes pastar a herva, como animaes. Para se adquirir o pão era preciso pagar um franco por cada libra (medida.) Então, inventou se um d'uma especie indizível, em cuja fabricaçã entrava feto, grama e cascas de noz moidas. Nas costas da Bretanha temperavam no com cinzas de sargaço. O estomago, illudido um instante, consentia-o por um pouco. Depois, a terrivel tortura proseguia, inexcravel. Sombras desvairadas rastejavam, procurando fugir á morte que levavam consigo.

Nas ruas, ao longo das estradas, não se via senão gente estertorando. Havia agonias monstruosas. Mães, tresloucadas, abafavam seus filhos de encontro aos seios seccos, para não sentirem mais a alma trespassada pelos choros d'elles. Cita-se uma que, desesperada com os gritos da filha, cortou-lhe a cabeça com uma machadada, e depois enforcou-se. Michelet teve razão em dizer que «a historia humana parece terminada, quando se entra n'este periodo». Ou antes, é o retorno á selvageria primitiva, ás edades ferozes, anteriores a toda a historia, a toda a civilização,

que fôram testemunhas dos obscuros terrores do homem perante a omnipotencia da besta-fera.

Effectivamente, a era dos grandes carnivoros voltava de novo. Atrahidos pelo cheiro dos cadaveres, os lobos dos Ardennes e do Morvan poderam julgar-se voltados ao tempo das livres carnigas ancestraes. Por toda a parte achavam os caminhos abertos e o festim servido. Pouco a pouco deixaram-se até, feita a céva, de voltar para os bosques: occuparam as casas vazias que lhes offereciam covis aperfeiçoados. Depois, fartos de carne morta, atreveram-se a provar da viva. As mulheres e as creanças fôram o seu manjar favorito.

Regiões inteiras transformaram-se d'esta sorte em immensos açougues. E de toda esta montureira humana outros germens de morte nasciam. Os flagellos viajam em companhia. A fome tem a peste por irmã. Não tardou que se visse apparecer essa invisivel sementeira do terror, de quem La Fontaine, quarenta annos mais tarde, mal se atrevia a pronunciar o nome, e que deixou na poesia popular bretã recordações do genero d'esta: «Havia nove creanças em uma mesma casa, e um mesmo caixão as levou á cova. A sua pobre mãe arrastava-se. O pae seguia-as a assobiar... Estava louco. E ella gritava e chamava por Deus. Transtornara-se tudo, corpo e alma.—Enterraes os meus nove filhos, e prometto-vos um cordão de cera que dará tres voltas aos teus muros!»... Ah! como não deveriam subir até ao céu estes longos appellos de angustia extrema, estas supplicas desvairadas!

Um homem ouviu-os. Era Vicente de Paulo.

(Continua).

VARIA

## Anedoctas de Pio X

José Sarto, tendo ido como cura para Salzano, achou que o hospital não podia funcionar por falta de meios. Elle não tinha dinheiro, porém fez um emprestimo de 24 a 25 mil liras e ampliou e dotou o hospital.

Quando o bispo de Treviso, Mons. Zinelli, foi fazer a sua visita pastoral a Salzano, admoestou carinhosamente o zeloso cura, dizendo-lhe:

«Quer V. Rev.<sup>ma</sup> que até lhe penhorem o incensario?» E para tirar-lhe a occasião de cahir em novas *loucuras*, como lhe chamava, nomeou-o conego da cathedral de Treviso e professor do Seminario.

Alli, retirado na sua cella, pôde, economisando, diminuir pouco a pouco a divida contrahida.

Depois da queda da torre de S. Marcos, qua, tanto amargurara o Patriarcha de Veneza e por cuja reedificação com tanto entusiasmo trabalhára, S. Eminencia, ao communicar a Leão XIII tão grande desventura, em uma visita que lhe fez sobre este assumpto, lhe disse a chorar: «Santidade, falta-nos o amo de casa...» Designava com este nome a sua torre, que exercia dominio incontestavel na rainha do Adriatico.

O Cura Sarto levantava-se ás cinco horas da madrugada, e ás vezes abria elle mesmo a igreja em lugar do sacristão. Succedeu que uma vez, certa madrugadora, vendo-o fazer o officio de sacristão, quizera chamar este: «Não, dizia, deixae o socegado; que durma, o pobre. Quando eu fôr velho ou esteja enfermo, então se levantará.»

Na actualidade levanta-se á mesma hora, permanecendo surdo aos rogos dos que temem pela sua saúde.

Visitando um dia o Cardeal Sarto a casa dos Padres Jesuitas, o Irmão Tacchini, leigo, disse-lhe em voz alta:

«Eminencia, vós não ficareis pela purpura, pois vos veremos vestido de branco». O bondoso Cardeal, com o seu sorriso do costume, soltou: «Ora, ora... evadindo-se assim á resposta».

Visitando em Passagno o Collegio Canova, foi ver o professor Bassi, que se achava convalescente d'uma enfermidade. Como Bassi lhe dissesse:

«Eminencia, estou velho, tenho setenta annos. O Cardeal respondeu: «Velho não; com setenta annos póde-se dizer que se está em boa idade! Tambem eu tenho quasi setenta annos e no emtanto não sou nada velho».

Alguns dias antes da sua consagração episcopal, Mons. Sarto foi a Padua visitar um seu antigo bispo, Mons. Calglarie.

Havendo chegado muito cedo, dirigiu-se ao templo de Santa Justina para dizer missa.

O parochio, ao ver entrar aquelle padre modestamente vestido, sem licença do seu bispo, poz alguma difficuldade em deixal-o celebrar, travando-se entre ambos o dialogo seguinte:

—D'onde sois?

—De Treviso.

—Que fazeis em Treviso?

—Nada.

—Como nada? Não está V. Rev.<sup>ma</sup> como parochio, ou ao menos como coadjutor, capellão, etc?

—Não.

—Estranho muito que, havendo em Treviso necessidade de sacerdotes, vós não estejaes occupado em nada.

—E no emtanto é verdade...

—Se tendes necessidade de que vos recomende ao vosso Bispo, fal-o-hei de boa vontade; entretanto celebrae.

Por precaução o bom do reitor encarregou o sacristão de vigiar o sacerdote desconhecido e ver se celebrava bem. Apenas terminada a missa, o sacristão foi dizer ao reitor que aquelle sacerdote havia celebrado bem e com muita devoção.

Terminada a sua acção de graças, o sacerdote desconhecido pega na penna e escreve no livro do registro dos celebrantes forasteiros: *José Sarto, bispo eleito de Mantua*.

Uma manhã Mons. Sarto recebe no seu palacio patriarchal a visita d'um veneziano, que depois de perder a sua fortuna havia tomado por officio o anti-clericalismo e a demagogia.

O desgraçado vinha pedir ao Patriarcha uma esmola, acoitado pela miseria e pela fome.

—Recordo-me muito bem, lhe disse Mons. Sarto, de que ereis do numero d'aquelles que saudaram a minha entrada em Veneza com os mais hostis demonstrações. Se me não engana a memoria, vós ereis d'aquelles que mais e melhor me assobiavam. Porém nunca guardei o menor rancor nem a vós nem aos poucos que seguiram o vosso exemplo.

E, dando-lhe uma esmola mais avultada do que o mendigo esperava, o futuro Papa o despediu, sem dar-lhe tempo de formular a mais leve desculpa da sua conducta passada.

Sendo ainda um joven sacerdote Mons. Rudini Tedeschi, esperava uma manhã no Seminario da Lombardia que chegasse o ajudante que havia de ajudar-lhe á missa, quando Mons. Sarto, então bispo de Mantua, que acabava de celebrar na capella do Seminario, se offereceu com insistencia ao joven sacerdote para substituir o ajudante

emquanto não chegava, ao qual se negou aquelle, agradecido e confuso, ante a honra que queria dispensar-lhe o bondoso e humilde Prelado, hoje Pio X.

A nomeação de Mons. Cavallari, cura d'uma parochia de Veneza, para pro-vigario geral do Patriarchado, deu lugar a um facto que caracteriza bem Pio X.

Avisado aquelle pelo telegrapho para que partisse immediatamente para Roma, assim o fez, apresentando-se ao Papa, que lhe disse que no domingo seguinte pensava consagrar o bispo; e como o bom do sacerdote objectasse que só havia trazido as vestes que tinha no corpo e ainda que não estava preparado, Pio X chamou o seu mordomo, Mons. Bisleti, e, ordenou-lhe que mandasse fazer umas vestes de bispo para o cura alli presente, e que abonasse todas as despezas de recepção, consagração, etc.

Mons. Cavallari só percebia pelo seu curato 100 liras mensaes, com as quaes ainda encontrava meio de soccorrer os pobres, e, como Pio X o conhecia bem e não ignorava a sua caridade nem as outras virtudes e qualidades suas, foi buscar o merito occulto, o homem simples e humilde, como elle, para administrar a diocese de Veneza.

Na vespera do Conclave, foi visitar o Cardeal Sarto uma nobre romana, que o havia conhecido em Veneza.

—Tenho certo presentimento, disse ella, de que o Espirito Santo ha de fazer com que sejaes eleito Papa.

—Senhora, por amor de Deus! exclamou o humilde Cardeal; sinto muito que tenhaes formado tão má opinião do Espirito Santo.

AS NOSSAS GRAVURAS

## Rubens

(celebre pintor da escola flamenga)

Pedro Paulo Rubens, um dos grandes pintores da escola flamenga, nasceu em Siegen, no ducado de Nassau, em 20 de junho de 1577.

Entregando-se desde tenros annos á pintura, partiu mais tarde, em 1600, para a Italia, onde estudou com afincos os grandes mestres, tendo a magnifica recepção a que o seu talento lhe dava direito.

Passados alguns annos, foi chamado por Catharina de Medicis, rainha de França, que o encarregou da execução de pinturas muito notaveis.

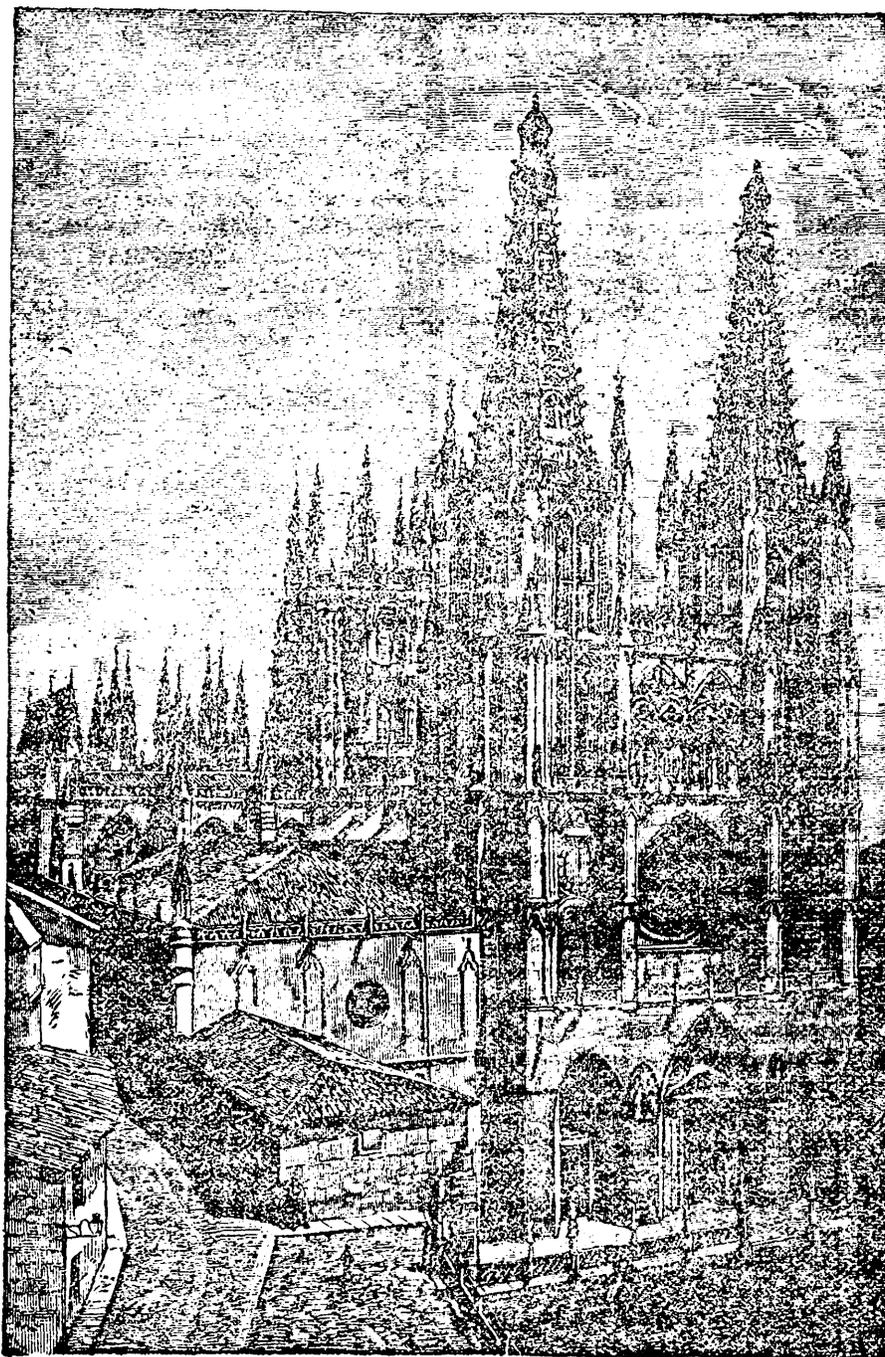
Dirigindo em 1620 as decorações das galerias do Luxemburgo, ahí deixou bem patentes os traços do seu genio poderoso.

Percorreu tambem varios paizes como diplomata. Em paga dos serviços prestados á Hespanha, Philippe IV chamou-o a Madrid, onde o tratou como um principe, encarregando-o depois d'uma embaixada extraordinaria para o rei Carlos I de Inglaterra, onde gozou todas as honras.

Rubens morreu d'um ataque de gotta em 1640. Fizeram-lhe esplendidas exequias na igreja de S. Thiago de Antuerpia, sendo mais tarde o cadaver depositado em uma capella, construida para elle em 1642, deante do altar, onde está uma das suas melhores pinturas: a Virgem sentada deante do Menino Jesus, posto em um berço de folhagem.

Rubens deixou uma fortuna consideravel, contendo os brindes que recebeu de diversos soberanos. Calculam-se as suas pinturas em mais de mil e trescentas; não ha museu na Europa que não tenha algumas obras do grande artista.

Rubens tratou com igual superioridade todos os generos; assumptos religiosos, scenas campestres, paisagens,



Cathedral de Burgos

quadros historicos, retratos. Em todos fazia notar a feúndidade da sua imaginação, a energia do desenho, aousadia e vigor do toque, a força e brilho do colorido. Foi chefe d'uma revolução na arte. Apesar de estudar com cuidado as escolas de Italia, não imitou nenhuma; é d'uma originalidade admiravel. No que mais se empenhou foi em retratar a natureza com toda a sua seiva, verdade, energia, e exuberancia; submeter a forma á côr sem se apartar das regras e termos da harmonia; procurar o movimento e a vida, como a escola romana tinha procurado a pureza dos contornos e das linhas: eis o que constitue as qualidades de Rubens.

Um critico moderno resume assim a sua apreciação: «Raphael tinha idealizado a ordem; Rubens idealizou o movimento.»

### Cathedral de Burgos

Eis-nos deante de um dos mais bellos monumentos de architectura ogival, de um dos mais formosos templos do mundo.

A cathedral de Burgos foi construida no seculo XII, collocando a primeira pedra, em 20 de julho de 1221, o santo rei D. Fernando III e sua mulher a rainha D. Beatriz. O exterior bem o mostra a nossa gravura, e o interior é de uma riqueza artistica que causa maravilha aos modernos artistas e aos mais fervidos adoradores de bello.

Dão-lhe entrada quatro portas, sem que se possa dizer qual d'ellas é a mais formosa: a principal, que data da primeira construcção do templo, chamada de Santa

Maria; a alta, da mesma epocha, e como ella sumptuosa; a da *Pelejeria*, bellissimo trabalho da renascença, dirigido pelo insigne architecto, Francisco de Colonia, e a de *Sarmental*, que data dos primeiros tempos da cathedral. E' esta a porta mais digna de examinar-se, pois que, sendo toda a edificação um conjunto de primores architectonicos, pelas muitas estatuas, pelos formosos relevos, pelos esbeltos rendilhados, parece que aqui foi mais accentuado o gosto pelo estylo, que então predominava na Europa.

E' no alto d'estas portas que se eleva a estatua do Bispo D. Mauricio, que dizem ser o fiel retrato do santo prelado, o que se comprova pelo exame feito á face dos sellos que em documentos publicos existem d'aquelle santo Bispo.

Dá ingresso para esta porta uma formosa escada de marmore branco, reconstruida em 1862.

Burgos é uma cidade hespanhola, com vinte e cinco mil habitantes, capital de provincia do mesmo nome, a 200 kilometros ao N. de Madrid. E' patria do Cid e de muitos homens notaveis da nação visinha.

DE TUDO UM POUCO

### A sentinella de Pompeia

Visitando as melancholicas ruinas de Pompeia, aponta-se, fóra das muralhas, o logar d'onde as excavações trouxeram á luz, depois de dezeseite seculos, o cadaver d'uma sentinella romana.

Appareceu junto da guarita ao lado da porta que dava de rosto no Vesuvio: e appareceu incinerada, sim; mas de de pé e com a lança segura na mão.

D'alli ouvira os pavorosos estrondos com que a cratera prenunciava a funebre catastrophe; alli sentira debaixo de si abalarem-se com a commoção vulcanica as raizes da montanha; d'alli vira surgirem, dilatarem-se, avançarem as tempestades de fogo, rolaem se precipites as torrentes caudaes de lava, aproximarem-se, até o envolverem, as chuvas de cinza, de enxofre e de escorias; e não arredou pé, e não curvou a frente; e ficou, para assombro da posteridade, com a face voltada ao sitio d'onde lentamente viera a colhel-o a morte.

A medonha destruição da cidade não foi instantanea como fulminada de raio.

Salvaram-se na fuga os moradores, homens, mulheres, creanças, enfermos.

Mais; recolheram e levaram os seus melhores haveres e joias, que poucas descobrem as pesquisas.

Ainda mais; livraram e conduziram os animaes domesticos.

Em summa, nem os escravos, nem os mesmos despreziveis escravos quedaram a velar as propriedades desamparadas de seus senhores.

Tudo, por terra e por mar, se escapou e pôz a bom recato, como evidenciam as exhumções n'aquelles sombrios destreços. E que é d'ella a causa por que não fugiu e se deteve ahi, deante do horroroso espectaculo e victima d'ella, o misero soldado, a solitaria sentinella? Porquê? pelo santo principio do dever, pela lei suprema da honra. Ficou!

Padre *A. de G.* (Bispo de Bethsaida) Serm. 1.º do suicidio de 1873.

#### Calendario:

Setembro

15

1904

Nasce La Rochefoucauld (Francisco, duque de) moralista francez, em Paris, no anno de 1613.

Não recebeu uma educação conforme com o seu nascimento, mas os acontecimentos sup-

piram essa deficiencia, e o seu gosto natural pela instrução habilitou-o a corrigir em parte esses inconvenientes da sua infancia.

Foi na guerra civil que La Rochefoucauld estudou os homens.

Figurou na côrte de Luiz XIV e achou-se envolto em enredos que fizeram com que Richelieu o afastasse. Reappareceu na côrte depois da morte do omnipotente ministro. Tendo entrado na revolta da Fronde, foi ferido n'um combate, afastando-se da vida activa, que não convinha ao seu caracter.

No entanto conservou a vida mundana, chegando o seu saião a ser um dos mais brilhantes da epocha de Luiz XIV.

Os haveres litterarios do duque de La Rochefoucauld constam das suas *Memoirs* das suas *Maximas* e da sua *Correspondencia*.

As *Maximas* tiveram grande voga e ainda hoje são consideradas como um dos monumentos da litteratura franceza do seculo XVII, apesar dos sentimentos que as inspiraram.

#### Curiosidades:

Ha pouco tempo corra a imprensa catholica um formosissimo anagrama allusivo á Immaculada, formado com as letras da saudação angelica: Ave, gratia plena, Dominus tecum.

Hoje vamos dar outro não menos formoso feito com a celebre pergunta de Pilatos a Jesus: QUID EST VERITAS? (O que é a verdade?) que dá o anagrama seguinte: EST VIR QUI ADEST. (E' o homem que está deante de ti.)

#### Notas de sciencia:

Aos numerosos homens, que contribuíram com o seu trabalho para o augmento do progresso, temos a juntar, diz «El Mensajero», um respeitavel religioso agostinho, que, encerrado n'uma das cellas do collegio de D. João, em Valencia, levou a cabo um prodigioso invento de capital importancia, de transcendencia summa e de applicações infinitas.

O Padre Felix, tal é o nome do auctor, é bem conhecido já pelos seus vastos conhecimentos em sciencias physicas.

O seu invento consiste, fallando em geral, em tornar pratico um processo de telegraphia, mediante o qual a informação telegraphica da imprensa pôde ser rapida e amplissima por ser ao mesmo tempo economica.

O seu descobrimento tem o nome de «Telegraphia phonographica» pela combinação que ha de telegrapho e phonographo para se obter por exemplo um discurso de 30:000 letras em 3 minutos.

O auctor vae para Nova York, afim de lá poder terminar com precisão a sua obra.

Regosijem-se, pois, todos os catholicos, por se ter augmentado a crecida lista de celebridades com um nome que gela por completo os labios da impiedade no seu afan constante de quererem passar por unicos sabios e empenharem-se em convencer o mundo do pretendido e ridiculo antagonismo entre a Sciencia e a Fé.

#### Pensamentos:

Dissimular erros no amigo, não é amor, é lisonja; não é prudencia, é traição, ou, quando menos, pusillanimidade. Porém esta correcção não pede pressa, e muito menos sa-nha ou colera.—*M. Bernardes.*

O amigo, por ser antigo ou estar ausente, não perde o merecimento de ser amado; se o deixamos de amar, não é culpa sua, é injustiça nossa.—*Vieira.*

Assim como o destro alfaiate, antes que corte o panno

e use metter-lhe a tesoura, o mede aos còvados e ainda aos palmos, e assigna com o giz; assim, primeiro que tomemos o amigo, o havemos de provar por diversas maneiras e experimentar.—Frei *Luiz de Sousa*.

Mal se conhece o amigo não provado.—Cardeal *Bembo*.

Se procurar a tua amizade algum que te revela os segredos d'outro amigo, guarda-te d'elle como de traidor.—S. *Jeronymo*.

Quem é infiel a Deus, não póle ser fiel ao seu amigo.—Santo *Ambrosio*.

Versos escolhidos:

### Mãe dolorosa

Quando, Virgem, diviso teu semblante  
tão cortado de pranto e de amargura;  
sumido em mar de dó, bravo e espumante,  
o eterno sol da tua formosura;

quizera até morrer: mas n'esse instante,  
cheio de pejo, cheio de tristura,  
por fugir a esse olhar dilacerante,  
cuido pequena a propria sepultura.

Abysmo de peccado uma só bega  
de teu chorar bemdito extingue e paga.  
Mas nossa culpa, ó doce Mãe gemente,

na dor que te esmorece é tál, tamanha,  
que mal hasta a apagal-a essa torrente  
de amargo pranto que teu rosto banha!

*José de Sousa Monteiro.*

Humorismos:

Certo religioso, querendo zombar da apparente simplicidade de S. Thomaz de Aquino, lhe disse que chegasse á janella, a ver voar um boi. O santo correu logo: o religioso desatou a rir, escarnecendo-o: «Como acreditaste, lhe diz, que um boi podia voar?» «Eu, respondeu o santo, acreditava mais que um boi voasse, do que um religioso, como vós mentisse.»

### MUSA HUMORISTICA

### No deserto

Excepto noventa e trez,  
Guilhotin soube o que fez.

Na liberdade abusiva  
Mora a torpidade antiga.

Venham leis contra o abuso  
Aos que o praticam por uso.

Em tudo Deus predomina  
Menos no mal que abomina.

O justo acha a vida triste,  
Porque sabe que outra existe.

Quem quer democratizar  
Não leva o povo a negar.

Esta vida é soffrimento  
Que apenas dura um momento.

Nas alas do communismo  
Recrudescer o anarchismo.

Consortio que se não aza  
E' a ruina de uma caza.

Na liberdade sem culto  
Mora o crime mal occulto.

O joven positivismo  
Não é sciencia, é nihilismo.

Aonde acaba a idade.  
Começa a eternidade.

Só depois de se morrer  
Se principia a viver.

Nos salões do atheismo  
Cavaqueia o paganismo.

O mal nega o Creator,  
Porque não quer Julgador.

Se não tratas do que tens,  
Tarde ou cedo pedir vens.

Na liberdade sem leis  
Avulta a quèda dos reis.

Lembra-te da puericia  
E imita-a sem malicia.

Uma nação de descridos  
E' um paiz de bandidos.

Dinheiro de jogador  
Viaja sempre a vapor.

A creença no Deus do bem  
Aos proprios atheus convem.

Se queres a senitude  
Poupa-te na juventude.

O mentiroso imponente.  
Chega a pensar que não mente.

Quem é mau recebedor  
Não será bom pagador.

O homem não se conhece,  
Que «ninguem é quem parece».

Na desmedida ambição  
Mora a vulgar perdição.

Não te prenda formosura  
Que não defenda a candura.

A mocidade estouvada  
Vê tudo, mas não vê nada.

No catholico Sacratio  
Habita o Deus do Calvario.

A maldade consciente  
Terna o maldoso doente.

*Alves d'Almeida.*

## RETROSPECTO DA QUINZENA

A vida do homem é a imagem d'um calendario. Ao que na realidade é o nono mez damos o nome de setimo! Chegamos ao occaso da vida, e crêmo-nos mais novos. Acabaram as nossas viagens, contamos agora as suas peripicias.

E' este o mez dos fructos e dos neveiros!

Quando as folhas das arvores se encarquilham e as aves deixam de nos deliciar com seus cantos, começa a dissipar-se a nossa admiração, e as nossas illusões fenecem.

As mariposas adormecem, a abelha sahe raras vezes da colmeia, as noites tornam-se frias e do tamanho dos dias. A terra conserva-se bella, mas triste, como presentindo o que vae perder. Ainda a adornam flores, brilhantes pelo variado matiz, porém suas petalas não exhalam aroma: taes são as margaritas e as dhalias.

Lêmos ha pouco no nosso presadissimo collega «Correio Nacional:»

«E' com a maior satisfação que damos aos catholicos portuguezes a agradável noticia de que este distinctissimo jornalista (Fernando de Sousa — Nemo) nosso querido amigo e antigo director do «Correio Nacional», volta novamente ás lides jornalisticas, de que ha tempo andava affastado, devendo brevemente começar a collaborar n'um dos mais importantes jornaes do norte».

E' com o maior jubilo que archivamos esta boa noticia. O affastamento do illustre jornalista das lides da imprensa catholica era já de ha muito extremamente sentida por todos. Agora com esta sua reaparição tão desejada, rejubilarão immenso todos os seus admiradores que eram quantos tiveram a dita de apreciar os primorosos artigos do eminente escriptor e polemista. Ao ex.<sup>mo</sup> conselheiro José Fernando de Sousa enviamos por isso as nossas cordeas felicitações.

Continua ainda no Extremo Oriente esse duello gigantesco, essa pugna titanica, verdadeira hecatombe de vidas e vergonha eterna do seculo XX: a guerra entre a Russia e o Japão.

A este respeito, os jornaes diarios noticiam factos extraordinarios, scenas horriveis e pavorosas, levando tudo a crer que esta guerra será memorada para sempre como a mais cruenta dos tempos modernos.

Ante tal prova, affirmada pelas estatisticas que nos vêm do theatro da guerra, fica-se estupefacto pelas proveitosas lições de avanço da perfectibilidade humana que demonstram.

«Le monde marche» foi a phrase celebre de E. Pelletan; mas para onde?

O nosso presadissimo collega «Echos de Roma», revista publicada pelos alumnos do Collegio Portuguez em Roma, insere, em defeza propria, um artigo que nós applaudimos gostosamente.

Trata-se da accusação que lhe fizeram de ser aquelle collegio «apenas uma agencia de negocios ecclesiasticos».

Depois de mostrar que, devido á generosidade de alguns protectores desvelados, existem no collegio dez lugares gratuitos offerecidos ás dioceses, ficando fóra do encargo as despesas de livros e vestuario, diz em seguida: «Comtudo, como a maioria dos aspirantes ao sacerdocio é desprovida de bens de fortuna, nem a boa vontade dos Prelados é ajudada dos meios pecuniarios com que os possam soccorrer, lembrou-se o Collegio Portuguez, seguindo o exemplo dos seus irmãos mais velhos na cidade eterna, de pedir que se valessem dos seus officios para obter as

dispensas e outras graças dependentes das Congregações Romanas. Nada mais justo nem mais legitimo.

«E' sabido que as Congregações arbitraram uma taxa para o trabalho dos procuradores que n'ellas expedem negocios: ora *nada mais justo nem mais legitimo* que essa taxa, proveniente do dinheiro dos *fieis* em rasão de uma causa ecclesiastica, reverta para um fim tambem ecclesiastico, e que, em vez de ir augmentar os rendimentos e benesses de *seculares estrangeiros*, que geralmente não precisam sirva para pagar as despezas particulares dos alumnos gratuitos do Collegio Portuguez. D'est'arte, a bem dos alumnos para aqui mandados por cada diocese, tornaria o dinheiro dado *pelos fieis da mesma diocese*. Poderá dar-se a esse dinheiro um destino mais apropriado do que é a educação do clero portuguez? A consciencia christã e o brio nacional não admittem uma dupla resposta».

E mais abaixo, depois de se explanar acerca da guerra que têm movido a estas intenções, conclue: «E' doloroso vêr que os outros Collegios prosperam favorecidos e alentados pelos compatriotas, ao passo que ao nosso se move a guerra mais acintosa e crua. O dinheiro das dispensas é uma das principaes fontes de receita para alguns Collegios ecclesiasticos, e nomeadamente para o Polaco e Hespanhol, que é hoje um dos mais florescentes. E podemos garantir que é vontade expressa da Santa Sé que lhe seja dada tão proveitosa applicação».

Muito bem; nada mais é necessario para demonstrar a inanidade da accusação e a magnitude da ideia.

Chamando para as palavras do nosso distinctissimo collega a attenção dos nossos estimaveis leitores, crêmos com isso cumprir um dever momentoso.

O apostata Combes enganara-se mais uma vez. Contava com alguma pequenissima fracção do clero francez para o ajudar na sua satanica obra; mas, repetimos de novo, enganara-se redondamente.

Esperava ter ao seu lado o Bispo de Dijon; mas este prelado, mal se interromperam as relações diplomaticas entre a França e o Vaticano, abandonou a sua diocese e dirigiu-se a Roma.

Fundára, em ultimo lugar, todas as suas esperanças no Bispo de Laval, que interpretava erradamente a Concordata; mas este prelado, após alguma hesitação, abandona secretamente a sua diocese, e vae depôr nas mãos do Papa a sua demissão. Eis o que nos dizem os ultimos telegrammas.

E, demais a mais, o Episcopado francez não ficou de braços cruzados em face da quebra de relações entre os dois poderes. Todos os Bispos enviaram protestos de submissão á Santa Sé, declarando-se contra a conducta do governo francez.

Combes foi vergonhosamente batido em toda a linha... Triumpho completo para a Santa Sé!

A grande peregrinação franceza que annualmente, por fins de agosto, vae a Lourdes render graças e impetrar beneficios á Mãe de Deus, no momento solemnissimo em que Ella, descendo dos céus, vêm para entre os seus filhos mortaes, fôra tão abundante em favores miraculosos da Mãe Santissima, que até o inferno se alvoroçou, exhalando putridos vapores pelas suas valvulas de segurança — os jornaes impios.

Effectivamente, causara a maior das maravilhas tantos milagres obtidos por sua intercessão. Seria uma compensação para a França que ora atravessa tão crueis dias?

Até mesmo, quando os peregrinos fechavam a sua romagem com uma acção de graças na igreja de Nossa Senhora das Victorias, em Paris, um dos templos visita-

dos a miude por Ella nos tempos passados, uma cura inopinada e estupenda deixara no maior dos assombros todos os circumstantes. A proposito d'esta cura, perfeitamente constatada pelos medicos, voltaram a discutir-se pelos homens de sciencia os milagres de Lourdes. No proximo n.º da nossa revista trataremos do assumpto.

Na Allemanha abriu-se no dia 20 de agosto o Congresso Catholico de Ratisbonna.

E' bem conhecida a preponderancia e força do partido catholico na Allemanha para se fazer uma ideia do brilhantismo e importancia que attingira este congresso.

As maiores sumidades catholicas da Allemanha assistiram e trabalharam n'elle, eahi produziam fructos de largo alcance futuro.

O Congresso, que tinha por lemma a divisa pontificia *Omnia instaurare in Christo*, encerrou-se no dia 25, depois de cinco sessões.

Já foi assignado pelo rei D. Affonso XIII o decreto, tornando obrigatorio o descanso dominical em Hespanha. A nova lei, elaborada pelo Instituto de Reformas Sociaes, foi muito bem acceita pela maioria da nação.

Os jornaes manifestaram o seu contentamento por esta lei, desde que começaram a ter publicidade as suas disposições, que iam sendo tomadas para elaboral-a.

Falleceu ha dias Waldeck-Rousseau, o antigo presidente de conselho de ministros, que em França iniciara a politica anti-congreganista, agora continuada furiosamente por Combes.

Archive-se, porém, que este estadista morrera depois de pedir e ter recebido os ultimos sacramentos da Igreja.

#### BIBLIOGRAPHIA

*Almanach da Democracia Christã*, para 1905—Lisboa. Recebemos e accusamos com o maior gosto a recepção d'este bellissimo almanach, que vem occupar um logar distincto entre os seus congeneres para 1905. Cheio de pequenos artigos instructivos e propagandistas, publica tambem chistosas anedoctas a amenisar-lhe ainda mais o texto. Recheia-o tambem numerosas e nitidas gravuras, representando retratos de figuras em evidencia na *democracia christã*, como v. gr. D. José Vieira de Mattos, arcebispo de Mytilene, a quem este annuario é consagrado; Pio X, o nosso glorioso Pontifice; O Cardeal Rampolla, ex-secretario de S. Santidade; D. Francisco de Neronha, o nosso distinctissimo collaborador; Alfredo Serrano, o erudito critico de arte; Conde de Breiandes, illustre chefe nacionalista; Mariotte, o sabio chronista da «Palavra», e ainda muitos outros. Em summa, é mais um brilhante annuario, que se torna em extremo recommendavel, e por isso o fazemos encarecidamente aos nossos estimaveis assignantes. Custa apenas 100 reis.

«Monte de myrrha e outeiro de incenso» — O titulo parece, sem duvida, arcaico, mas o auctor, reconhecendo-o, nem per isso se absteve de encimar o seu devocionario com elle.

A critica reles, ou mesmo a scientifica (moderna), se tivesse de se occupar d'este livrinho, condemna lo-hia de *jesuismo piegas*; porém não o deve ler, porque não foi feito para ella, e, portanto, não o comprehenderia.

E' ás almas chistãs, simples e puras dos peregrinos que elle foi escripto.

A que vem, porém, mais um devocionario, se ha já tantos, se já temos tantas orações o tantos livros devotos? Não ha resposta mais peremptoria que esta: em menos de seis mezes esgotaram se 4:000 exemplares. Quer dizer: em menos de seis mezes 4:000 almas o leram, o approvaram com a sua critica popular,—que é a mais sã—e, não contentes com isso, pediram mais. Ahi o tem. Leiam-no, já que o pediram.

Com um criterio são, o seu auctor é d'aquelles sacerdotes que sabem alliar a devoção com a obrigação e sabe dar o tempo devido a uma e a outra.

Aquelle que, querendo orar, não cumpre a sua obrigação, não comprehende o que é ser devoto, nem memos o que é ser chistão.

Este devocionario tem a felicidade de acompanhar o christão desde manhã á noite, nas suas relações para com Deus e para com Maria.

Leva-o ante o altar do sacrificio e ensina o a meditar. Leva-o ante o tabernaculo e ensina-o a falar com Deus. Leva-o ante o throno de Maria e ensina lhe os segredos do amor que Ella nos consagra e os cuidados e carinhos que nos dispensa, fazendo nascer no coração a gratidão por tanto amor e tanto carinho dispensado á humanidade, pela Mãe dos homens, dos peccadores especialmente.

E que bem o soube escrever o seu auctor!

Escreveu, decerto, o que sentia, porque é um sacerdote illustrado e virtuoso, mas mais virtuoso ainda quando se encontra ante o sacrario de Maria!

E está dito tudo. Quem o conhece, sabe que o nome do auctor—que não podemos aqui escrever—é o maior elogio do excellent livrinho, que ha pouco acaba de ser reeditado pelo snr. José Frutuoso da Fonceca.

Quando á parte material do livro, pronunciou-se o nome do editor e isso basta. Todos conhecem os bellos trabalhos d'esta acreditada typographia. (Da Palavra.)

#### Necrologia

Falleceu em S. Mamede d'Infesta o snr. Luiz Farinhote, pae do nosso presado amigo o Rev.º Abbade Luiz Antonio Farinhote, a quem damos os nossos sentidos pezaes.

Tambem falleceu em Vimioso, atacado por apoplexia fulminante o Ex.º snr. general reformado João Ferreira Sarmiento, catholico de rija tempera e muito conhecido n'esta cidade.

A' familia enlutada dirigimos os nossos pezaes. Aos nossos leitores pedimos orações por alma dos dois bondosos amigos.

#### EXPEDIENTE

**Não nos foi possivel distribuir o presente numero, nem o será o proximo, com a devida regularidade.**

**Na costumada benevolencia dos nossos estimaveis assignantes encontraremos de certo desculpa para estas faltas involuntarias.**

\*

\* \* \*

**Prevenimos os nossos dignos assignantes em debito que vamos principiár a caviar para o correio os saques e pedimos-lhes que logo que recebam aviso das estações competentes, que satisfaçam para nos evitar a novas despesas que nos fazem grande tantorno.**

ANNUNCIOS

NOVENA

EM HONRA DA

IMMACULADA CONCEIÇÃO DE MARIA

PELO

Rev. Padre Diniz

Da Companhia de Jesus

TRADUZIDA EM PORTUGUEZ

POR

A. J. DA S. DE ALMEIDA GARRET

(Revista e algo reduzida)

PARECER E APPROVAÇÃO

Amigo e sr. Fonseca.

Li attentamente a *Novena em honra da Immaculada Conceição de Maria*, fiz ligeiras modificações e pareceu-me preferivel a quantas co-  
nheço em lingua portugueza.

Porto, 14 de novembro de 1903.

P.<sup>e</sup> Manoel Marinho.

Approvamos e concedemos 40 dias de indulgencias a todos os  
feis que assistirem á novena da Immaculada Conceição.

Porto, 17 de novembro de 1903.

† A. Bispo do Porto.

Preço . . . . . 100 reis.

Pedidos á typographia catholica de José Fructuoso da Fonseca—  
R. da Picaria, 74—PORTO.

CONDE DE SAMODÃES

O MEZ DOS FINADOS

Meditações para todos os dias do mez de Novembro

Indulgenciada e approvada

Preço enc . . . . . 400 reis.

Pedidos á typ. Catholica de J. F. da Fonseca—Rua da Picaria,  
74—PORTO.

VIDA

DO

GLORIOSO PATRIARCA S. JOSÉ

Extrahida e reduzida a compendio  
do que escreveram os Sagrados Evangelistas,  
Santos Padres e varões pios

PELO

Padre João Baptista de Castro

Preço . . . . . 500 reis

NOVENA EM BENEFICIO

DAS

ALMAS DO PURGATORIO

COMPOSTA PELO

BISPO DE BELLEY

(Traducção livre)

Preço, broch. . . . . 100 reis.

Pedidos á typ. Catholica de J. F. da Fonseca—Rua da Picaria,  
74—PORTO.

Sermão do Enterro

PRIMEIRO ENSAIO ORATORIO

DO

ABALISADO E SAUDOSO

José dos Santos Monteiro

BACHAREL EM THEOLOGIA E FORMADO EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA, ANTIGO PROFESSOR  
DO SEMINARIO DE LAMEGO E PRIOR DE VILLA DO CONDE

Approvado pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. D. Antonio Barroso  
Bispo do Porto

Preço . . . . . 100

IMITAÇÃO DE CHRISTO

Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada  
com notas por

MONSIEUR MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr.

D. ANTONO, BISPO DO PORTO

Preços :

Em percalina . . . . .	300 reis
Em carneira com folhas douradas. . . . .	500 »
Em chagrin, douradas . . . . .	15000 »

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105—BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,  
Industrial de Lisboa de 1888  
e Universal de Paris de 1889

Fabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrado;  
paramentos para egreja; galões e franjas d'ouro fino e  
falso; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes  
Portuguezas.